

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ARIEL DE BIGAULT: MARGENS ATLÂNTICAS
21 de Setembro de 2022

GILBERTO GIL, LA PASSION SEREINE / 1987

Argumento e realização: Ariel de Bigault / **Para a série:** “Éclats Noirs du Samba” / **Imagem:** Guy Gourley, António Carlos Seabra / **Montagem:** Alberto Yaccellini / **Som:** Léonce Marti / **Com:** Gilberto Gil e o seu grupo e os músicos Jorge Mautner, Repolho, Bloc, Ilé Aiyé e Afoshé, Filhos de Gandhi, Caetano Veloso, Jorge Ben, Vovô, Bujão / **Com a participação de:** Grande Othelo e Joel Rufino dos Santos / **Excertos dos filmes:** "Doces Barbaros", Jom Tob Azulay e "O Bandido da Luz Vermelha" de Rogério Sganzerla.

Produção: Feeling, TF1, PI Production (França, Canadá, Suíça) / **Produtor:** Hubert Niogret / **Direção de Produção:** Teresa Brandão Costa / **Cópia:** Ariel de Bigault, em ficheiro, cor, 57 minutos / **Primeira apresentação pública:** em data não identificada / Primeira exibição na Cinemateca.

ZÉZÉ MOTTA, LA FEMME ENCHANTÉE / 1987

Argumento e realização: Ariel de Bigault / **Para a série:** “Éclats Noirs du Samba” / **Imagem:** Guy Gourley, António Carlos Seabra / **Montagem:** Alberto Yaccellini / **Som:** Léonce Marti / **Com:** Zézé Motta e o seu grupo de músicos, Paulo Moura, Djalma Correa, Jorge Degas, Neguinho do Samba, Lazineiro, Bloco Olodum e carnaval Olodum, Marília Pera, João Jorge dos Santos, Katia Melo e Silva, Antonio Pompêo, Carlos Prieto, André Valle / **Com a participação de:** Grande Othelo e Joel Rufino dos Santos / **Excertos dos filmes:** "Chica da Silva" e "Quilombo", de Carlos Diegues, "Corpo a Corpo" (telenovela de TV Globo).

Produção: Feeling, TF1, PI Production (França, Canadá, Suíça) / **Produtor:** Hubert Niogret / **Direção de Produção:** Teresa Brandão Costa / **Montagem:** Alberto Yaccellini / **Cópia:** Ariel de Bigault, em ficheiro, cor, 56 minutos / **Primeira apresentação pública:** em data não identificada / Primeira exibição na Cinemateca.

filmes de ARIEL DE BIGAULT

Duração total da projeção: 113 min

com a presença de Ariel de Bigault

Estes, como os dois filmes da sessão de ontem, fazem parte de uma série de quatro documentários intitulada "Éclats Noirs du Samba" (1987), todos eles escritos e realizados por Ariel de Bigault, realizadora francesa com uma ligação profunda à música, ao teatro e ao cinema de origem e inspiração africana e ao mundo lusófono. **Gilberto Gil, La Passion Sereine** é um retrato muito completo de Gilberto Gil que traça o seu percurso e o seu papel na “revolução” da música brasileira. A par do seu extraordinário trabalho enquanto cantor e músico, o filme revela o profundo envolvimento de Gil nos movimentos negros do Brasil e a faceta mais politizada e militante de uma obra que exige um futuro melhor. E para quem viu os quatro documentários, este é o “episódio” em que Grande Othelo, personagem muito conhecida no Brasil que conduz parte das conversas, mais se apaga, o que deriva da forte presença de Gilberto Gil, que conduz a sua própria história ao relatar a sua infância no Sertão, a posterior adolescência em Salvador da Bahia e tudo o que se seguiu.

Filmado por Ariel de Bigault na cidade de Salvador, Gil salienta a importância da arquitectura típica do período colonial e a necessidade de a preservar: as ruas em que circula fazem-nos pensar naturalmente em Portugal e é de mistura que nos fala quando descreve a sua adolescência sempre muito ligada às festas e à vida multicultural da cidade. Um meio que se veio a reflectir numa produção musical que congregará elementos das músicas baiana, nordestina, de São Paulo, Bossa Nova e de toda a “que vinha de fora”, convergindo numa “pop brasileira que era uma coisa completamente diferente do já existente”.

Gilberto Gil e Caetano Veloso conversam face à câmara sobre o que foi para eles o tropicalismo na sua relação com outros movimentos e ideias, entre os quais o Cinema Novo. Percebe-se claramente como todos estes movimentos estavam interligados pelo modo como Bigault convoca para dentro deste documentário imagens de um filme de Rogério Sganzerla (e para outros episódios de Leon Hirzman ou de Nelson Pereira dos Santos). Em discurso directo Gilberto Gil apresenta-nos a “revolução tropicalista” simultaneamente como uma alternativa política e musical, chamando a atenção para a sua maior ligação aos aspectos políticos do tropicalismo, em contraste com a “linha” mais intelectual e estética-filosófica de Caetano Veloso. A música como música, mas também como expressão de uma luta brasileira pelo “reconhecimento da negritude e do valor do batuque” e da “obrigação de falar sobre a coisa negra, que se por ser tão real, incomoda muita gente.” como diz num Concerto. A arte de um criador que, oriundo de uma família de negros de classe média e dos melhores colégios frequentados pelas elites brancas, havia perdido o contacto profundo com a cultura e a vida negra dominante, e que a procura recuperar através da música. “O termo que prefiro é negritude”, afirma. Frase que alude bem à expansão de um movimento pan-africanista com ramificações em todos os Continentes, e ao que Gilberto Gil considera ser um “dever moral” em prol da “coisa negra”.

Em **Zézé Motta, La Femme Enchantée**, o único documentário da série dedicado a uma mulher, Zézé Motta surge em toda a sua celebridade, enquanto actriz e cantora muito conhecida e querida no Brasil. É a própria que explica como o momento que marcou a sua imagem e a sua carreira foi o seu papel no filme **Chica da Silva**, de Carlos Diegues, a escrava negra, forte e sensual que conquistou a sua liberdade. Símbolo para muitos, se Zézé chegou a encarar esse papel como uma prisão, depressa o soube pensar positivamente (“a minha fada madrinha”). E se a sua voz e a sua presença se nos apresentam como verdadeiramente singulares, é aqui salientada a cisão entre uma personalidade pública e a persona privada: mulher forte envolvida nas lutas do movimento negro contra o racismo profundamente enraizado na sociedade brasileira; e mulher frágil, “apenas uma mulher”, como diz citando Caetano. Trata-se de um retrato realizado por uma mulher de outra mulher que se revela como alguém excepcional que atravessa o cinema, a música e a sociedade brasileira e que cedo percebe “como é importante que os artistas negros sejam apoiados pelo movimento negro e que este se sinta representado através dos artistas”. Por estas palavras percebemos claramente o papel imenso da música na sociedade brasileira e a importância de figuras como Martinho da Vila, Gilberto Gil, Paulo Moura, ou Zézé Motta que, em meados dos anos oitenta, luta com a dificuldade acrescida de para além de ser negra, ser mulher no contexto de uma cultura profundamente racista e conservadora. Uma mulher forte e frágil que em cima de um palco se revela um caso de possessão.

Joana Ascensão